

---

# O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DAS CIDADES: um projeto para o Brasil

Jaime Lerner\*

Ao longo de 25 anos de exercício profissional em Curitiba e em outras cidades, sedimentei algumas convicções sobre o gerenciamento e a mecânica das cidades. A principal delas, é a necessidade de redescobrir a cidade como agente transformador. Vislumbrar a revolução que cada uma, independente do seu tamanho, pode representar, pelo significado de suas ações locais, no contexto de sua região, de seu país e no contexto do planeta. Trata-se da premissa da ação local como garantia da sobrevivência global.

Hoje, é cristalino o potencial das ações locais. Lembremos da sua relação com a dívida externa, que compromete o desempenho de muitos países, a exemplo do Brasil. Se cada cidade tivesse se posicionado contra o desperdício, parte dos recursos tomados no exterior para a geração de energia não seriam necessários.

\* Arquiteto e planejador urbano, ex-prefeito de Curitiba, Paraná.

---

Do mesmo modo, a garantia da sobrevivência do planeta está intimamente ligada à postura das cidades, onde hoje se localiza a origem da maioria dos problemas ecológicos. Se cada cidade, grande ou pequena, assumir o propósito de se fazer ambientalmente correta, os benefícios colhidos pelo planeta se multiplicarão. Os números são eloqüentes: em Curitiba, há três anos, a população separa, em casa e no local de trabalho, o lixo orgânico dos resíduos sólidos, que se prestam ao reaproveitamento ou à reciclagem. Só com o aproveitamento do papel velho, a cidade evita o corte de mil e duzentas árvores por dia. Quantas árvores salvariam todas as cidades do mundo? Por dia, por ano? E em quanto reduziríamos a extração de outros recursos naturais com a reciclagem do vidro, do plástico e dos metais?

Da mesma maneira que a ação local mostra seu potencial nas questões ambientais, também pode prová-lo no trato de outras questões essenciais, como a da criança, cuja prioridade é essencial para amenizar o impacto da pobreza. Está aí um caminho que não podemos perder. Mas como as cidades poderão conciliar esta visão de consciência coletiva com seus problemas? E em grande parte das vezes, com a pobreza da maioria da população?

Tenho a convicção de que o desafio do gerenciamento da cidade, hoje, reside na visão estratégica do equilíbrio entre o atendimento às suas necessidades básicas e o seu potencial. Entre o importante e o fundamental. Entre o dia-a-dia e o futuro. Não será bem gerenciada a cidade que se prender excessivamente ao seu dia-a-dia, porque estará tolhendo o seu futuro. Igualmente, não será bom o gerenciamento exclusivamente preso ao futuro, porque estará afastado da população, que terá seus problemas imediatos multiplicados e não se engajará nos projetos da cidade.

Permeando o gerenciamento do dia-a-dia e do futuro, uma outra premissa se impõe: a de se fazer certo daqui por diante. Não deixar os problemas crescerem. Como se isso fosse um mandamento. Por esse entendimento, um dos compromissos essenciais é justamente o de cada cidade se

---

fazer ambientalmente correta. E qual é a cidade ambientalmente correta? É aquela que desperdiça o mínimo e economiza o máximo.

Este seria o meu esboço de um projeto prioritário para o Brasil. De um projeto, ou de passos a serem seguidos, ou apenas uma orientação para agir e atingir um objetivo que considero essencial. Para tanto, um roteiro: reduzir progressivamente o desperdício de tudo, não deixar crescerem os problemas, otimizar o potencial das estruturas existentes. Não complicar. E fazer.

Por que partir, por exemplo, para uma sofisticada usina de separação de lixo, de implantação e operação onerosas, se cada família pode fazer a separação prévia, e com isso desenvolver uma saudável consciência de co-responsabilidade na questão ambiental?

Por outro lado, uma cidade ambientalmente correta prioriza o transporte coletivo sobre o individual. E isso é fundamental. Aliviando a pressão do automóvel, a economia de combustível é evidente. E todo o recurso aplicado em transporte coletivo, sempre pode ser aquele que seria consumido em outras obras viárias, destinadas ao transporte individual, cujo uso irracional só compromete a qualidade de vida de uma cidade, especialmente das grandes. Em Curitiba, onde a primazia do transporte coletivo é uma realidade há duas décadas, estamos contabilizando uma economia de combustível da ordem de vinte por cento em relação às grandes cidades brasileiras. Com o custo de um viaduto numa grande cidade — que muitas vezes só faz deslocar um engarrafamento de um ponto para outro — poderíamos implantar um sistema inteiro de ônibus, contribuindo para tirar milhares de automóveis das ruas.

Ao citar os exemplos de Curitiba, ouço com frequência que se trata de uma cidade diferente, onde as soluções são possíveis por se tratarem de apenas um milhão e seiscentos mil habitantes. No entanto, devo afirmar que esta cidade é diferente porque tornou-se diferente, como podem tornar-se todas as cidades, inclusive as megas. Quando se tem uma visão clara e global dos problemas e dos poten-

---

ciais de uma cidade, é perfeitamente possível dominar e direcionar o seu crescimento e colocá-la numa perspectiva saudável.

No caso das megacidades, entendo que o grande trunfo das administrações é a correta escolha de tecnologias que possam corresponder satisfatoriamente às demandas. É evidente, hoje, que as questões de saneamento, numa grande cidade, não podem mais se resolver pela centralização, devendo-se voltar para as soluções por bacias hidrográficas, por quarteirões. Ao contrário, o transporte coletivo requer, essencialmente, a integração de todo o sistema. A escolha dos caminhos de uma mega cidade está diretamente vinculada ao que podemos chamar de tecnologia de multidões. Vai daí que as ações devem considerar com seriedade a escala, sob o risco de se tornarem soluções de vitrine, concebidas para o consumo da mídia e que beneficiam uma parcela mínima da população.

A visão racional da escala de uma cidade não deve inibir seus administradores para os aspectos lúdicos e psicológicos que a paisagem urbana exerce sobre seus moradores. Na verdade, esses valores são imprescindíveis para que uma cidade possa se humanizar. Há que seguir os caminhos do trilho e da memória. Conduzir o crescimento pelos caminhos que fizeram a história da cidade, preservar e valorizar as referências que nortearam gerações inteiras, são requisitos tão fundamentais a uma cidade, quanto provê-la em suas necessidades básicas.

Igualmente, uma cidade deve ser pensada como cenário do encontro, em que os setores informais e formais possam se integrar em convivência pacífica. Também por esta ótica, é importante que as cidades não sejam pensadas para a tragédia máxima, mas dimensionadas para se ajustarem gradativamente às soluções corretas. Pensada assim, uma cidade, aos poucos, deixará de ser o mero espaço da sobrevivência, para se tornar o cenário da plenitude das relações humanas. É a cidade como exercício da solidariedade.

Neste aspecto, os administradores poderão estimular a população através da co-responsabilidade na solução dos

---

problemas. Desde as questões ambientais mais simples — como as ligadas ao lixo — até as mais complexas — como a das crianças de rua, um fenômeno cada vez mais grave nas cidades do Terceiro Mundo. Para isso, é essencial que as administrações não se entreguem à síndrome da tragédia, aquela que faz os problemas parecerem intransponíveis, levando cada morador à sensação de que sua ação isolada é insignificante, induzindo a população inteira à inércia. Ao contrário, estimulada pelo “fazer certo” daqui por diante, a comunidade logo dará uma resposta positiva aos apelos. Sobretudo, sentindo-se respeitada, ela responderá com respeito às questões que lhe forem colocadas.

Tenho uma profunda convicção no “efeito dominó” — onde o exemplo de uma cidade influencia as demais. Acredito, também, que os maus exemplos exercem um efeito contrário. Acredito, ainda, que os gestores urbanos devam ser os mesmos gestores da mudança. Assim, os países podem mudar a partir de suas cidades — se elas se fizerem ambientalmente e socialmente corretas. Ora, as cidades podem perfeitamente chegar a este objetivo, a partir do respeito ao seus cidadãos que, prestigiados e informados, serão, cada um, agentes de mudança.

Insisto nesta visão otimista das cidades por um bom motivo: porque tenho uma visão otimista do ser humano.